



RELICI

AS CONVICÇÕES DE REPRESENTAÇÃO DA BONECA BARBIE ESTEREOTIPADA E OS IMPASSES DAS QUESTÕES EM SER SUJEITO¹

*THE CONVICTIONS OF REPRESENTATION OF THE STEREOTYPED BARBIE
DOLL AND THE IMPASSES OF THE ISSUES IN BEING A SUBJECT*

Rogério Rodrigues²

Ela é tudo. Ele é só Ken. (GERWIG, 2023).

RESUMO

O objetivo deste ensaio consiste em analisar criticamente as proposições que se apresentam no filme da Barbie como forma de discussão dos impasses das questões em ser sujeito. A justificativa desse tema se torna pertinente na atualidade, uma vez que se coloca em evidência pontos críticos de discussão referentes à identidade do sujeito. As narrativas do filme indicam diversas contradições na representação do sujeito masculino e feminino, numa oposição em que se estabelece o jogo de controle que ocorre entre o mandar e o obedecer. A metodologia utilizada encontra-se no campo da teoria crítica, tomando como aporte teórico o campo da Filosofia da Educação. A nossa conclusão é que a proposição crítica do filme Barbie se realiza parcialmente crítica, pois não radicaliza as questões do jogo de dominação na relação com o outro no sentido de atender plenamente a demanda por uma relação justa e igualitária.

Palavras-chave: sujeito, feminino, masculino, educação, estereótipo.

ABSTRACT

The purpose of this essay is to critically analyze the propositions that are presented in Barbie's movie as a way of discussing the impasses of the issues in being a subject. The justification of this theme becomes pertinent nowadays, since critical points of discussion referring to the identity of the subject are highlighted. The movie's narratives indicate several contradictions in the representation of the male and female subjects,

¹ Recebido em 19/05/2024. Aprovado em 25/05/2024. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.12647532

² Universidade Federal de Itajubá. rrunifei@hotmail.com



RELICI

in an opposition in which the game of control that occurs between commanding and obeying is established. The methodology used is in the field of critical theory, taking as a theoretical framework the field of Philosophy of Education. Our conclusion is that the critical proposition of the movie *Barbie* is partially critical, as it does not radicalize the issues of the game of domination in the relationship between one another in the sense of fully complying with the demand for a fair and egalitarian relationship.

Keywords: subject, female, male, education, stereotype.

INTRODUÇÃO - A REPRESENTAÇÃO DE FELICIDADE DA BONECA BARBIE ESTEREOTIPADA E A NEGAÇÃO DO OUTRO

A minha filha veio dizer que gostaria de assistir no cinema ao filme “Barbie” (GERWIG, 2023), que foi lançado no Brasil em 20 de julho de 2023. No primeiro momento, pensei comigo que talvez não seria interessante assistir a algo no cinema que seja uma história produzida pela indústria cultural e que grande parte dessas narrativas se apresentam apenas como produto de consumo não reflexivo. Portanto, sempre apresento certa resistência em atender essas demandas de formas de consumo produzidas na lógica do mercado.

Esses filmes da indústria cultural sempre repetem a narrativa em que o bem derrota o mal. Pouco se pode esperar de filmes como da Barbie, pois, previsivelmente, poderia ter apenas relações dóceis entre os sujeitos/as bonecas que giram em torno da moça linda que se apaixona por um rapaz que seria o príncipe encantado. Depois, aparece alguém malvado que interfere nesse amor perfeito, destruindo o mundo encantado.

O vilão da história seria alguém descontente com a vida e como forma de vingança consegue atingir o seu plano de destruição, mas, em algum momento oportuno da história, o bem vence o mal e todos são felizes para sempre.

O encadeamento dessa história com o final feliz seria mais um filme de distração, que não produz nenhum sentimento para pensarmos as nossas vidas. Em



RELICI

oposição a essa narrativa do filme, na nossa realidade como sujeito, em grande parte, em nossas vidas cotidianas, temos que lidar com diversas situações adversas. No campo das relações humanas, a maldade se encontra presente e, principalmente, temos que lidar com despontamentos e frustrações. Enfim, a experiência de vida indica que, somente em alguns poucos momentos, teremos algo que permita transparecer na felicidade.

Apesar dessa resistência em relação à indústria cultural, principalmente por não ter lido nenhuma crítica, acabei contrariando a mim mesmo e resolvendo assistir a esse filme. Portanto, pensei em ir ao cinema completamente desprovido de qualquer interesse específico de escutar e ver algo para se compreender o mundo. Parti do pressuposto de que o mais importante seria viver esse momento como forma de encontro, em estar junto como momento de felicidade, pois o mais importante seria estar no passeio. Dessa forma, fomos ao cinema para atender o desejo de lazer que, muitas vezes, também é produzido pela intensa publicidade de lançamento dos filmes.

Em termos de publicidade do filme, foi algo muito intenso, pois, logo na entrada do cinema, pude observar que o público presente, em grande maioria, estava vestindo a roupa cor de rosa que seria a marca da boneca Barbie. Interpreto que essa forma de vestimenta do público presente seria um modo de manifestar identificação com o estilo de vida da Barbie.

Outro ponto a destacar, em termos de publicidade, seriam as diversas lojas do shopping, que também estavam decoradas com cor de rosa. Enfim, para todos os lados que se olhasse, encontrar-se-ia a cor de rosa, a marca central de vestimenta da Barbie estereotipada.



RELICI



Fonte: Acervo do pesquisador.

O filme se inicia tendo como ponto central o estilo de vida da Barbie que acorda, espreguiça-se para levantar, caminha para a mesa, toma o suco e, por fim, entra no carro para passear por sua cidade. Todas essas ações ocorrem expressando a felicidade. Isso representa uma forma de realização da utopia do mundo perfeito, em que a Barbie não precisa ir para o trabalho ou assumir qualquer compromisso de responsabilidade. Entretanto, a representação desse conceito de felicidade se expressa no paradoxo em que não existe o outro, pois tudo gira em torno de si mesma.

Logo no início do filme, a Barbie coloca em plena discussão a questão do sujeito na modernidade, uma vez que a história tem como ponto central a premissa da satisfação de si numa relação de completa ausência do reconhecimento do outro, em que “Ela é tudo. Ele é só Ken” (GERWIG, 2023). Isso parece chatear o Ken, que busca alguma posição de sujeito. Ele afirma que somente existe quando a Barbie olha para ele e isso seria uma clara evidência da questão da ausência do outro.

A Barbie constrói seus relacionamentos tendo como premissa básica a felicidade como descarga pulsional. Isso corresponde na completa anulação do outro como sujeito em que o outro seria somente o objeto para realização de si.

Sendo a felicidade o centro da satisfação de si mesmo, o que se busca seria o apelo do individualismo como a marca central em ser sujeito. Isso seria o ponto central da modernidade, em que o outro não existe como forma de relacionamento e



RELICI

se anula por completo o pleno dialogo para que se possa estabelecer a convivência. O ponto central em discussão é que a realização e, primordialmente, a representação de felicidade da boneca Barbie estereotipada ocorre com a negação do outro. Essa narrativa de submissão do outro como forma de objeto para realização da satisfação de si mesmo é algo que perdura como modelo de dominação que se encontra naturalizado em nossa sociedade moderna patriarcal, em que as mulheres devem ser obedientes para os homens, que mandam. Entretanto, no mundo da Barbie, ocorre a inversão, em que as mulheres mandam nos homens obedientes que ficam sem compreender seu lugar social.

Diante dessa questão da polaridade, estabelece-se, entre os gêneros o feminino e o masculino, a pergunta: como se poderia construir uma relação justa entre os sujeitos que possa realizar-se em plena igualdade?

Sabemos da dificuldade em construir, no campo das relações humanas, formas de diálogo que se pautam na plena igualdade e que possa dissolver por completo qualquer intenção de dominar o outro no uso da palavra, pois:

Se o possível é aquilo que está determinado pelo cálculo de nosso saber e pela eficácia de nosso poder, o impossível é aquilo frente ao qual desfalece todo o saber e todo poder. Somente nos despojando de todo saber e todo poder nos abrimos ao impossível. O impossível é o outro de nosso saber e de nosso poder, aquilo que não se pode definir como um ponto de ancoragem de uma ação técnica. O impossível, portanto, é aquilo que exige uma relação constituída segundo uma medida diferente à do saber e à do poder. (LARROSA, 2004, p. 194).

Essa possibilidade de desconstrução das formas de dominação do saber e poder se apresentam como o maior desafio em ser sujeito democrático no sentido de estabelecer uma relação de diálogo.

O filme da Barbie coloca em discussão a questão em ser sujeito que possa se destituir da forma de controle e dominação. Aqui se apresenta o nó que a Barbie e o Ken não conseguem desatar e ficam presos numa relação de dominação que se



RELICI

esgota nas possibilidades de solução no mundo real e seus desdobramentos nas formas de representações.

A DISTOPIA DA REPRESENTAÇÃO DE MUNDO DA BONECA BARBIE ESTEREOTIPADA E OS IMPASSES DAS QUESTÕES EM SER SUJEITO

A discussão pertinente seria que, diante da questão de como nos tornamos sujeitos em nossa realidade, temos que trabalhar junto com o outro no campo das relações sociais para construirmos a nossa identidade e, primordialmente, o sentido da felicidade. Contudo, sabemos que corremos o risco de não a alcançar, pois a vida se apresenta numa dinâmica que não podemos controlar. Para Freud,

[...] nossas faculdades de felicidade estão limitadas, em princípio, por nossa própria constituição. Em troca, nos é muito menos difícil experimentar a desgraça. O sofrimento nos ameaça por três lados: desde o próprio corpo que, condenado à decadência e à aniquilação, nem sequer pode prescindir dos signos de alarme que representam a dor e a angústia; do mundo exterior, capaz de encarnar-se em nossas forças destruidoras onipotentes e implacáveis; e, por fim, das relações com outros seres humanos. O sofrimento que emana desta última fonte talvez nos seja mais doloroso que qualquer outro; tendemos a considerá-lo como uma adição mais ou menos gratuita, embora possa ser um destino inevitável como o sofrimento das distintas origens. (FREUD, 1996, p. 3024).

O sujeito crítico reconhece a dificuldade de realização da felicidade e nas impertinências do corpo, mundo e do outro que podem se apresentar como elemento resistência e fonte de insatisfação para o sujeito.

Ao contrário desta situação, a Barbie estereotipada insiste na alienação e anulação do outro para alcançar a felicidade e isso representa não querer saber sobre a vida. Essa forma de representação ocupa um lugar da distopia em que tudo se constitui como forma de expressão da felicidade de si mesmo. Entretanto, esse modelo de felicidade se apresenta em crise e constitui também o paradoxo da anulação do corpo, do mundo externo e, primordialmente, do outro.



RELICI

Esse não querer saber retorna para o seu mundo como retorno do recaiado. Isso coloca em discussão o modo como vivemos alienados na busca da felicidade em que apenas o modo de vida da Barbie estereotipada indica isso em plena evidência. Diria que seus pontos de perfeição e modo de vida se apresentam como direta crítica à nossa sociedade do consumo.

Neste momento de narrativa crítica da Barbie em relação ao seu estilo de vida, fiquei pensando em todos que vieram para assistir ao filme contemplando a cor de rosa como a marca em ser Barbie. O filme coloca em discussão a plena necessidade em sair do lugar de ser a Barbie estereotipada e assumir uma direta relação com a vida e, primordialmente, com o reconhecimento do outro.

Esse modelo de felicidade alienante começa a despencar quando as coisas não funcionam e, ao contrário do que era esperado, esse mundo encantado começa a entrar em crise, pois o banho fica frio, o lanche cai no chão e, no seu corpo, aparece sinal de envelhecimento. A crítica central que se estabelece seria que a Barbie estereotipada concentra a felicidade em seu modo de existir e todo o resto se torna cenário secundário para constituir o seu mundo perfeito – a Barbielândia. Esse lugar ideal é representado como ausente de conflito, em que tudo se encontra plenamente ordenado no sentido de atender plenamente as necessidades da Barbie, apresentando-se em desconexão com o mundo real.

O Ken seria a representação daquilo que evidencia a ausência do outro no campo das relações humanas. A Barbie representa o masculino como tipo de sujeito sem função social, pois não se lança numa forma de relacionamento com o outro em sua ação de vida completamente individualista. Ela, como boneca que se realiza como objeto, faz também do Ken seu objeto. Isso se apresenta tendo como resultado o não saber como se relacionar com o Ken e o faz de namorado de brinquedo.



RELICI

Esses relacionamentos vazios de sentimentos se apresentam como sendo a crítica da nossa modernidade, pois o seu mundo de bonecas seria apenas uma forma de representação do nosso mundo real. Aliás, um mundo de bonecas, em que o amor e o trabalho são inexistentes. Para ela, o Ken é algo que atende apenas a demanda de estar para si como objeto.

O Ken é mesmo uma figura decorativa, pois fica na praia sem função, apenas segurando uma prancha de surf. Ele seria o protótipo daquele que busca ser uma imagem falsa de si e completamente sem conteúdo, uma vez que não sabe nadar muito menos surfar. Para agravar ainda sua situação, não sabe nada sobre o seu papel masculino. Enfim, ele praticamente não existe como sujeito. Sua presença somente acontece no momento em que a Barbie olha para ele. Aqui se encontra o ponto central, em que o olhar do outro determina a existência, mais propriamente a visibilidade do outro enquanto sujeito.

A partir do conceito de sujeito, a felicidade que usa o outro como objeto é que se constrói na cidade da Barbie, em que a diversidade de figurinos de bonecas seriam as possibilidades de ações no mundo do trabalho centrado na mulher e o homem como objeto.

Esse mundo feminino Barbie seria o mundo da representação que se encontra em oposição ao mundo real, que se concentra no poder do masculino. Ela acorda todos os dias e realiza um conjunto de ações programadas, em que demonstra a vida perfeita para a figura central – a Barbie estereotipada.

O problema para a Barbie começa a surgir quando esse modelo de representação de mundo perfeito apresenta alguns eventos que rompem a rotina e tiram a perfeição da vida, mais propriamente no momento em que ela pensa na morte.

A morte não seria algo pertinente ao mundo das bonecas uma vez que, no brincar, isso não se coloca como ponto de diversão. Portanto, a morte não é algo para



RELICI

estar presente na representação do mundo perfeito das bonecas, pois o mais importante seria apenas brincar corretamente com esses artefatos. Elas apresentam a perfeição e a beleza como elementos que podem durar por longo tempo, pois, como bonecas, são permanentes e para a eternidade.

Outros problemas da Barbie surgem no banho matinal, na bebida, na comida e, por último, no corpo que apresenta indicativos de envelhecimento na celulite das pernas.

No campo das convicções da Barbie estereotipada, ela chega à conclusão de que deve ir ao mundo real para tentar resolver esses problemas que desajustam seu mundo perfeito. Para tanto, decide ir conversar com seu lado não realizado que seria a Barbie estranha. Em termos psicanalíticos, o estranho pode ser reduzido ao retorno de coisas que não queremos saber e, portanto, encontram-se reprimidas. (FREUD, 1996, p. 2500).

O que tinha de estranho na Barbie é que ela não queria saber como se pode ser feia, uma vez que, no mundo real, o corpo se encontra em pleno processo de degeneração com o envelhecimento. Isso, em última instância, é lidar com seu mundo perante as demais Barbie, o não querer saber sobre sua finitude de sujeito, que seria a ideia de morte. Entretanto, a ideia de morte já se apresenta em Ken, uma vez que há a ausência de existência social, pois é um elemento figurativo no mundo da Barbie.

CONCLUSÃO – A UTOPIA EDUCACIONAL EM AJUSTAR O MUNDO REAL NA BUSCA DE ALTERAR A REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO

Quando surgem os problemas da Barbie em seu mundo maravilhoso, fica o pensamento constante de encontrar a solução em que o ponto central seria compreender seu mundo como lugar da representação. Aqui se apresenta algo interessante para se analisar, ou seja, a premissa de que existe uma relação entre



RELICI

representação e realidade. Diante dessa premissa, para se ajustar algo na representação, deve-se interferir na realidade, portanto, torna-se necessário arrumar a representação que se tem da boneca no mundo real; em última instância, temos que, no campo filosófico, ocorrem

[...] construções teóricas que se baseiam na ideia de que a sociedade é espelho do homem e/ou vice-versa. Uma vez envoltas nessa 'teoria do espelho', essas pedagogias acreditam na educação como uma forma de correção da imagem, isso é, corrige-se o original e a cópia se ajustará automaticamente (GHIRALDELLI, 1994. p. 60).

Entretanto, fica a dúvida se é possível ajustar a ideia de representação no mundo real para ajustar os problemas da Barbie. Para resolver essa questão filosófica do sujeito, Barbie e Ken se deslocam para o mundo real. Entretanto, eles são bonecos e, respectivamente, não possuem vagina e pênis.

No mundo real, o Ken se descobre como sujeito quando alguém vem perguntar as horas para ele. Essa ação de o outro demandar algo para o Ken assume a plena importância, pois, em algum momento de sua existência, ele teve alguma função social.

Outro ponto a destacar é que o Ken observa que o mundo real se centra na figura do masculino. Ele fica vislumbrando esta posição centrada no masculino como forma de controle do outro. Nesse movimento de demanda do outro, ele se descobre como sujeito numa forma de dominação em que o feminino fica subordinado e, portanto, sai da posição de objeto em que a Barbie o mantém para atender seu modelo alienante de felicidade.

Quando Ken volta para o mundo da representação das bonecas, ele estabelece a forma de contraposição, pois inverte a situação de dominação. Ele e seus amigos masculinos se impõem como forma de controle e colocam todas as bonecas femininas como objeto para atender suas demandas. Aqui se apresenta a dualidade da nossa atual sociedade, em que ocorrem formas de dominação e não se



RELICI

apresenta uma solução no campo das relações humanas, pois sempre alguém manda e o outro deve obedecer.

[...] não é qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro. O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e, finalmente, define previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. [...] Em uma palavra, a ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes, que sabem, e os incompetentes, que obedecem (CHAUI, 2016, p. 187).

Aqui temos expostos os elementos primordiais que se estabelecem nas questões de dominação entre aqueles que mandam e os outros que obedecem e que se apresentam plenamente nas questões de gênero que naturalizam todas essas segmentações para justificar toda uma forma de ordenação.

O que está em jogo no mundo de representação da Barbie seria justamente esse modo de representação de dominação e, portanto, a viagem ao mundo real para resolver seus problemas seria uma tentativa de ajustar a realidade. Entretanto, as contradições de dominação ainda se mantêm na mesma lógica de controle. Resolver essa questão seria o grande desafio para o enfrentamento da vida e se define no final do filme quando a Barbie acaba por compreender que seu mundo de representação não diz nada e, portanto, destitui por completo essa representação e faz a passagem definitiva para o mundo real. Essa alteração de passagem para o mundo real se apresenta numa típica cena final em que vai para a consulta médica com ginecologista que seria o fato de sair da condição de boneca e assumir a posição de sujeito. Entretanto, a passagem de boneca para o sujeito em ser mulher se apresenta unicamente pela questão anatômica em possuir uma vagina para ser cuidada por uma especialidade médica?

Nesses termos, a nossa conclusão em relação a narrativas estabelecidas no filme para a discussão da questão em ser sujeito é que a proposição crítica do filme



RELICI

Barbie também se realiza como forma de consumo alienante, pois não radicaliza as questões de dominação na relação com o outro no sentido de atender plenamente a demanda por uma relação justa e igualitária.

Seria importante destituirmos a utopia educacional e ajustarmos o mundo real na busca de alterar a representação do imaginário no campo dos processos formativos. Portanto, trata-se de colocar em destaque a importância de se constituir a posição de intelectual crítico em compreender que todas as formas de dominação, inclusive suas representações, apresentam-se como modo para constituir interesses de poder e, primordialmente, na apropriação do outro ou, em última instância, assumimos que educar é um processo de colonizar o sujeito, questão já amplamente debatida pela sociologia francesa (BOURDIEU & PASSERON, 1982).

Ao finalizar o filme, fiquei pensando em todos os que estavam presentes vestindo suas roupas cor de rosa. Será que compreenderam a mensagem do filme em que a cor de rosa não pertence mais a Barbie? Ela busca abandonar seus estereótipos de representação para uma vida amplamente colorida que possa existir na plena diversidade. Para tanto, a Barbie, no mundo real, seria o uso de todas as cores em seu modo de vestir como sujeito. Isso seria o abandono das convicções de representação da boneca Barbie estereotipada e o pleno enfrentamento nos impasses das questões em ser sujeito.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento aos alunos da licenciatura da Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI.



RELICI

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CHAUI, Marilena. *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. 1929 [1930]. In: _____. *Obras Completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

FREUD, Sigmund. Lo siniestro. 1919. In: _____. *Obras Completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

GERWIG, Greta. Barbie. FERRAZ, Luís Gustavo. Prova Escrita. USA: Mattel, Lucky Chap Entertainment, Mattel Films. NB/GG Pictures. 2023. (112 minutos).

GHIRALDELLI, Paulo. *O que é pedagogia*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. brasiliense. 1994.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.